

CULTURA E ANÚNCIO

Evangelização Fundamental e seu Caráter Querigmático.

prof. Dr. Pe. Pedro K. Iwashita

RESUMO

Este artigo procura pesquisar sobre a importância dos dados da cultura para que a evangelização se dê, levando-se em conta as expectativas contidas na estrutura psíquica ou na alma dos povos, e expressas através de sua cultura e manifestações populares.

Palavras-chave: Missão, evangelização, inculturação, consciente, inconsciente, cultura.

ABSTRACT

This article attempts to study on the importance of culture for the evangelization be given taking into account the expectations contained in the psychic structure or in the soul of the people, and expressed through its culture and manifestations.

Keywords: Mission, evangelization, inculturation, conscious, unconscious, culture.

1. INTRODUÇÃO

Em Atos 2, 22-24, o apóstolo Pedro prega pela primeira vez dizendo: “Homens de Israel, ouvi estas palavras! Jesus, o Nazareu, foi por Deus aprovado diante de vós com milagres, prodígios e sinais, Que Deus operou por meio dele entre vós, como bem o sabeis. Este homem, entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-

o pela mão do ímpio. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder”. Pedro anuncia Jesus como sendo o grande taumaturgo que passou fazendo o bem e operando grandes prodígios (At 2, 22); o crucificado (At 22, 23); o ressuscitado (At 2, 24); o constituído Senhor e Cristo (At 2, 36); o Chefe da vida (At 3, 15); o Santo (At 3, 14); o Justo (At 3, 14); em quem temos a remissão dos pecados (At 2, 38); em quem recebemos o dom do Espírito Santo (At 2, 38), e a quem devemos nos converter, arrependendo-nos dos nossos pecados e recebendo o batismo em seu nome (At 2, 38). Jesus é anunciado como sendo o Salvador, o Redentor da humanidade, e naquele dia se converteram cerca de três mil pessoas (At 2, 41). Aqui se encontram os elementos principais do querigma, o núcleo da pregação apostólica primitiva, e o primeiro relato de uma conversão em massa na história do cristianismo. Mas quem eram essas pessoas, que expectativas tinham, em que acreditavam, o que viram em Jesus, que respostas ele estava trazendo, que novidades continha o anúncio de Jesus. Estudos do contexto histórico, cultural, religioso e mítico da época¹, revelam que havia expectativas, sobretudo no contexto judaico, da vinda de um messias salvador que os salvasse dos seus pecados. A expectativa de alguém que os libertasse de sua condição de servidão, de pobreza, de opressão, enfim de todas as dores, misérias, principalmente da morte, e tudo isso simbolizado pelas trevas. E foi talvez a essas expectativas que Jesus foi visto como uma resposta. A salvação é anunciada por Isaías como sendo luz: “Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região além do Jordão, Galiléia das nações! O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz; aos que jaziam na região sombria da morte, surgiu uma luz” (Is 8, 23-9, 1; Mt 4, 15-16). O culto ao sol na Antiguidade², era de grande importância, testemunhado pelo monumento funerário de Newgrange na Irlanda³, de quase seis mil anos, ou seja, construído milhares de anos antes que surgissem as pirâmides do Egito, e que é um

¹ Estudos importantes a respeito, sobretudo a respeito do contexto religioso do mundo antigo, no meio do qual se difundiu o cristianismo foram feitos por Karl Prümm SJ. Cfr. PRÜMM, Karl. *Religionsgeschichtliches Handbuch für den Raum der Altchristlichen Umwelt*. Rom: Päpstliches Bibelinstitut, 1954, 921 pp; *ibidem*. *Der christliche Glaube und die Altheidnische Welt*. 2 Bände. Leipzig: Verlag Jakob Hegner, 1935. Cfr. tb. HARNACK, Adolf von. *Mission et expansion du christianisme dans les trois premiers siècles*. Paris: Cerf, 2004.

² Cfr. HARNACK, op. cit., 54, 597. Cfr. tb. RAHNER, Hugo. *Griechische Mythen in christlicher Deutung*. Zürich: Rhein-Verlag, 1966, p, 134.

³ Cf. UISTIN, Liam Mac. *Exploring Newgrange*. Dublin: The O'Brien Press, 2001.

testemunho de adoração do sol como o deus da vida que entra iluminando o túmulo dos mortos, justamente no dia 25 de dezembro⁴, no solstício de inverno, e somente neste dia, a luz do sol passa pela entrada do túmulo para trazer vida aos mortos. Esses dados podem indicar a expectativa que estava presente na estrutura psíquica profunda das pessoas.

Passando para os nossos dias, a pergunta que surge, é sobre a expectativa do homem de hoje. O que explica o esvaziamento das igrejas em muitos países tradicionalmente cristãos? O que explica o abandono em massa do cristianismo? O que explica a indiferença religiosa de muitos? Quando se fala em evangelização fundamental e querigmática é preciso se questionar se somos evangelizados até as profundezas de nosso ser. Jung, que analisou a psique humana, chegou à constatação de que muitos cristãos permaneciam pagãos na sua estrutura psíquica mais profunda, e isso significa que uma evangelização fundamental deve ter em vista a pessoa humana no seu todo, com a sua estrutura psíquica consciente e inconsciente. A mensagem cristã deve chegar até o profundo⁵, até o inconsciente, onde habitam os “deuses”, e que também devem ser evangelizados, “porque a alma humana não é apenas *naturaliter christiana*, mas também *pagana*”⁶. Com o abandono em massa de cristãos, ressurgem os deuses pagãos, o que em termos de desenvolvimento humano representa um retrocesso ou uma regressão. Daí a importância fundamental para a humanidade de uma evangelização fundamental e querigmática. A pessoa é atingida no seu cerne profundo, se a evangelização é veiculada através dos elementos da própria cultura⁷, o que se chama inculturação. Acontecimento extraordinário de evangelização inculturada foi o fato da aparição de Maria em Guadalupe. Os indígenas

⁴ Na antiguidade festejava-se no dia 25 de dezembro como a festa do *Natalis Invicti*, a festa de *Helios-Sol*, e que passou a ser festa do nascimento de Jesus, o verdadeiro *Sol Salutis*. Cfr. RAHNER, Hugo, op. cit. 134-135.

⁵ Sobre um programa de evangelização das profundezas, cfr. PACOT, Simone. *L'évangélisation des profondeurs*. 3 volumes. Paris: Cerf, 2002-2003. Trad. Bras.: PACOT, Simone. *A evangelização das profundezas. Nas dimensões psicológica e espiritual*. Vol 1. Aparecida: Santuário, 2001.

⁶ GOLDBRUNNER, Josef. *Realização. Antropologia na pastoral e na educação*. São Paulo: Herder, 1968.

⁷ Trabalho importante tem sido feito no sentido de uma metodologia de evangelização, de uma conversão até as profundezas, por Carlos Rafael Cabarrús SJ, doutor em antropologia cultural. Cfr. Cabarrús, Carlos Rafael. *Crescer bebendo do próprio poço. Oficina de crescimento pessoal*. São Paulo: Loyola, 1999.

entenderam imediatamente a mensagem, o que levou à maior conversão de massa que se tem notícia na história do cristianismo; constituindo assim o maior fato missiológico da história. O que chama atenção, é que aqui novamente aparece o simbolismo do sol, que para os indígenas significava vida, mas também a morte, pois milhares de vítimas foram sacrificadas para satisfazer a divindade. Agora Maria aparece envolta pelos raios do sol, como a aurora que anuncia o nascimento do sol, que anuncia o Salvador, e mais importante ainda, ela está grávida⁸ do Deus, que é o verdadeiro sol, *Sol Salutis*, tema tão apreciado pela Patrística e é sobre isso que refletiremos em seguida. Para uma evangelização fundamental querigmática no mundo de hoje, é preciso não esquecer que a estrutura psíquica do homem de hoje é a mesma de ontem, ou seja, ontem como hoje, continuamos aspirando pelo Salvador, que seja o verdadeiro herói, *Sol salutis*, que vença as trevas da morte e nos traga vida, luz e salvação. A minha reflexão sobre a evangelização fundamental e querigmática vai ser então numa perspectiva teológica, antropológica e psicológica (psicologia das profundezas), trazendo elementos da mitologia clássica e da mitologia afro-brasileira.

2. JESUS CRISTO COMO FIGURA DO HERÓI QUE VENCE A MORTE

Na mitologia, o filho da Grande Mãe aparece como filho divino, em quem se unem os poderes psíquicos “inferiores” inconscientes, com os “superiores”, conscientes, constituindo a imagem primordial do homem psíquico total. Aqui aparece a função redentora e salvadora do filho divino. O filho divino traça o caminho pelo qual o homem deve ser libertado, vale saber, promovendo a separação do maternal primordial, através de provações e sofrimentos, e a maior parte das vezes através da transformação na morte, para uma vida nova. Como filho da Grande Mãe, o filho divino representa a unidade ainda natural e inconsciente da existência psíquica. A descida e o renascimento do filho, celebrados nos mitos, apontam como meta a totalidade consciente, conseguida através de sofrimentos.⁹ Em todo esse processo vital, os filhos

⁸ Cfr. BADDE, Paul. Maria von Guadalupe. Wie das Erscheinen der Jungfrau Weltgeschichte schrieb. Berlin: Ullstein Verlag, 2005, p. 122.

⁹ Cf. KASSEL, M., “Weibliche Aspekte im lukanischen Kindheitsevangelium”, in *Diakonia*, nov. 1984, 392.

da Grande Mãe lemanjá correm o perigo de falhar, pois, se a consciência ou o Eu não é suficientemente forte, acaba sendo tragado pelo inconsciente. O tema do herói que morre e ressuscita simbolizado poderosamente no sol que é tragado pela noite ,e que ressuscita, age eficazmente na psique humana.¹⁰

Os Padres compreenderam muito bem a importância do símbolo solar que, além disso, exerceu papel decisivo na religião do Antigo Egito. Não existe outro símbolo maior de Cristo, na criação, do que o sol que se levanta de manhã, que traz ao universo a luz que aquece e que desperta a vida.¹¹

O profeta Malaquias já anunciava: “Para vós, os que temeis o meu nome, nascerá (o Messias) o sol da justiça e a salvação estará sob as suas asas (ou raios); vós saireis então, e saltareis (de alegria) como novilhos de manada” (Ml 4,2). Cristo dissera de si mesmo: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12).

A salvação foi prometida por Deus como luz. Enquanto o povo da antiga aliança ia pelo seu caminho escuro e cheio de sofrimentos, ansiava pelo amanhecer da salvação. Isaías proclamava então: “Este povo, que andava nas trevas, viu uma grande luz; aos que habitavam na região da sombra da morte nasceu-lhes o dia” (Is 9,2).

Cristo aparece como o sol da justiça e da salvação. Compreende-se melhor essa imagem, desde que festejamos a noite pascal e velamos pelo aparecimento pascal do Senhor que põe fim à noite da morte e introduz o novo dia. A vigília pascal é a essência de toda a oração cristã, que é sempre oração de espera pela manifestação do Senhor. É por isso que a Igreja antiga, na sua oração, voltava-se para o leste, em direção do nascer do sol, assim como aquele monge do deserto que, ao pôr-do-sol, se dirigia com os braços abertos levantados para o leste, velava a noite toda em oração, até que aurora se manifestasse e, logo em seguida, os raios do sol que vinha se levantando, viessem de encontro ao seu rosto.¹²

¹⁰ Cf. JUNG OC 5, 197(310).

¹¹ Cf. DÖLGER, Franz Josef, *Die Sonne der Gerechtigkeit und der Schawarze*, Münster 1979; *ibidem.*, *Sol Salutis*, Münster 1972.

¹² Cf. RAHNER, Hugo, *Griechische Mythen in christlicher Deutung*, Zurique 1966; cf. tb. *Apothegmata*, Arsenius 30(PG 65, 97C); EBEL, B., “Aufgang der Kirche. Eine Verkündigung über Maria in der Bildersprache der Väter”, in BOGLER, Th. (Org.): *Maria in Liturgie und Lehrwort*, Maria Laach, 1954.

Na liturgia católica da noite pascal, encontramos assim pensamentos vivos sobre o sol noturno e o levantar do sol. Nunca um drama cúltico conseguiu exprimir tão bem as oposições trevas e luz, noite e sol, através de palavras e gestos, como o mistério pascal da liturgia romana. Diante da proclamação “Lumen Christi, Deo Gratias”, a nova luz é introduzida na igreja ainda escura, sob o “Exultet”, e a canção de louvor pelo círio pascal, símbolo do Cristo, o sol daquela noite, o verdadeiro “Sol invictus”, que sobe vitorioso das profundidades do reino dos mortos.¹³

3. MARIA É A AURORA QUE ANUNCIA A NOVA LUZ, CRISTO, O “SOL INVICTUS”

Se Cristo é o sol da justiça e da Salvação, Maria é a aurora da Nova Aliança. Segundo Honório de Autun, “ela é aquela que avançando da massa pecadora, como a aurora, se levanta das trevas, da qual o sol da justiça aparece iluminando os que jazem nas trevas e nas sobras da morte”¹⁴ Se Maria é a aurora que anuncia o sol da justiça, a luz desse mesmo sol se anuncia nela. Na natureza, o dia não substitui de repente a noite, e o sol não sai de um só golpe da noite, mas envia antecipadamente a luz para a aurora;¹⁵ assim em Maria, como a aurora da salvação, a face do Cristo sol da justiça é refletida antecipadamente, na claridade da aurora.

4. MARIA É A TERRA DE ONDE NASCE O CRISTO, O SOL DA JUSTIÇA

Na rica linguagem simbólica dos Padres, Maria é também a terra, de onde nasce o Cristo, o sol da justiça e da salvação. Santo Agostinho escrevia: “A verdade surgiu da terra porque Cristo nasceu da Virgem.”¹⁶

Se Maria é a terra que deu a luz a Cristo, ela é também como dissemos, a aurora que anuncia a chegada desse sol da salvação. Rupert von

¹³ Cf. RAHNER, H., op. cit., 119; EBEL, B., op. cit. 25-26; SANTO AGOSTINHO, Sermo 190,1; PG 38, 1007; SERMO 287, 4; PL 38, 1302.

¹⁴ Sigill. 6 (PL 172, 512A).

¹⁵ Cf. EBEL, B., op. cit., 27.

¹⁶ SANTO AGOSTINHO, Sermones 189 (PL 38, 1006): “Veritas de terra orta est, quia Christus de Virgine natus est”.

Deutz escrevia: “Quando nasceste, ó bem-aventurada Virgem, nos apareceu a verdadeira aurora, como precursora do dia perpétuo; pois assim, como a aurora anuncia o final da noite que passou e o começo do novo dia, do mesmo modo o teu nascimento - vindo da semente de Abraão, claridade vinda da árvore de Davi, aos quais coube com o juramento de Deus a promessa da bênção - foi o final das dores e o começo da consolação, o fim da tristeza e a fonte da alegria”¹⁷ Na festa da Natividade de Maria canta-se com alegria: “O teu nascimento, Virgem Mãe de Deus, anunciou a alegria para o mundo todo. De ti é que nasceu o sol da justiça, Cristo, nosso Deus, que anulando a palavra da maldição, nos deu a palavra de bênção; desconcertando a morte, nos deu a vida eterna”.¹⁸

5. CRISTO CORPORIFICA A FIGURA MÍTICA DO HERÓI QUE VENCE A MORTE

Transcrevendo toda essa simbologia para o contexto mítico e arquetípico, dir-se-ia que Cristo, o “Sol invictus”, é a corporificação da figura mítica do herói que, tendo vencido a dura prova, sai vitorioso das entranhas da morte, do ventre da Grande Mãe terra, pela sua ressurreição. Essa vitória nos é simbolizada cada manhã pelo sol que se levanta da terra ou do mar, irradiando a vida em infinita profusão. A Grande Mãe Maria não retém prisioneiro o seu Filho,¹⁹ mas ela é a terra ou o mar, que oferece ao mundo o Salvador, seu Filho divino. Ela é a aurora formosa que anuncia cada manhã o nascimento do sol que, tendo atravessado as trevas da noite, oferece luz e vida. É toda outra perspectiva que não a do mito e do culto de lemanjá que, como a Grande Mãe devoradora, arrasta seus filhos para as profundidades abissais do mar. Delineia-se então aqui toda uma dimensão soteriológica em Maria como figura da Grande Mãe junto com o seu Filho divino.

6. PELO BATISMO PARTICIPAMOS NA VITÓRIA DO CRISTO

Pelo batismo, participamos no mistério da morte e ressurreição de Cristo, simbolizado, como vimos até agora, pelo sol que morre e renasce:

¹⁷ RUPERT VON DEUTZ, Cant. 6 (PL 168, 939).

¹⁸ Breviar. Monast., In Nat. B.M.V., in 2 Vesp. Ant. ad Magn., cit. por EBEL, B., op. cit., 28.

¹⁹ Cf. PAULO VI, Marialis Cultus, 37.

“não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Pois pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6,3-4; cf. Ef 5,8).

Em Cristo temos pois a esperança de que as noites que temos de atravessar, terminarão sempre pelo raiar do dia, pelo nascimento do sol e quando tivermos de atravessar a noite decisiva na morte, nele temos então a esperança definitiva de que raiará o dia eterno. Esse fato é de significado soteriológico fundamental. O sol simboliza a consciência que em si é comparada a uma luzinha de vela, mas que aspira a ser como o sol; essa consciência é oposta à escuridão incomensurável do inconsciente. Se a luzinha da consciência se apagar, tragada pelo oceano primordial do inconsciente, então será a loucura ou a psicose, a esquizofrenia, o crime ou o desvio moral do homem. Mas Cristo é o “Sol invictus”, o timoneiro do barco da salvação (Igreja) que nos conduz com segurança ao porto da salvação. Nele, mesmo a morte, que é uma descida à inconsciência completa, é garantida pelo raiar de um novo dia.

Aqui, é preciso distinguir a dupla dimensão da consciência a saber, a psíquica e a moral. Cristo é a luz da consciência moral, favorecendo por acréscimo a saúde da consciência psíquica. Ele não veio nos livrar somente da loucura e da inconsciência, mas como a luz da consciência moral, também do crime e do pecado, favorecendo igualmente a saúde e o equilíbrio da consciência psíquica.

7. AS SEREIAS COMO AMEAÇA À BARCA DA SALVAÇÃO

Veremos aqui um exemplo de como os Padres se serviram de um dado da cultura do tempo, para transmitir a mensagem cristã.

É de se perguntar por que os Padres, amantes de símbolos no seu círculo de apresentação da viagem no mar cristão rumo à pátria celeste, se servem também do mito das sereias? A resposta estaria provavelmente no fato de que, através do canto imortal de Homero, o mito da tentação de *Ulisses* através das sereias se havia tornado patrimônio de todas as culturas modeladas de alguma maneira pelo espírito grego.²⁰

²⁰ Cf. RAHNER, H., *Symbole der Kirche*. Die Ekklesiologie der Väter, Salzburg, 1964, 249.

A palavra grega *seirénes*, significa etimologicamente “encantadora”, “cativante”. Primitivamente (por certo em sentido pré-grego), elas eram fantasmas de morte de natureza vampírica, alimentando-se do sangue de cadáveres. Mas, com o passar do tempo, esse aspecto bárbaro e cruel desaparece e começam a aparecer em primeiro plano, sobretudo através de Homero, aspectos ou configurações tais como o de “encantamento”, no sentido erótico, da sedução através de sua figura e de seu canto, e as sereias acabaram se tornando belas mulheres encantadoras. Mas o que é o mais atrativo nessas mulheres é também justamente o mais perigoso, pois elas são encantadoras, mas portadoras de morte. São celestes e infernais ao mesmo tempo. De outro lado, a alegoria neoplatônica fez das sereias simples alegorias do prazer do mundo e do prazer sensual.²¹

A razão pela qual os Padres preferiram o mito das sereias do mundo da aventura odisséica, para a simbólica cristã da viagem no mar, encontra-se não somente na popularidade do tema na época helenística, mas, sobretudo pelo fato da estranha dupla feição das sereias, como perigosas e bonitas ao mesmo tempo, grandes conhecedoras e ao mesmo tempo demônios sensuais, elementos esses que acharam apropriados para exprimir o genuíno pensamento cristão do *Kalós Kindynos*, a magnífica e ao mesmo tempo perigosa viagem da Igreja sobre o mar do mundo.²²

Colocando-nos no início da história do símbolo cristão, topamos a figura das sereias “oniscientes”, tornadas símbolo do “saber”, sobretudo da ciência e da sabedoria grega, em ralação às quais o cristão deve chegar a uma posição clara. Os mais antigos escritos da literatura cristã encaram as sereias como demônios com grandes conhecimentos, e são vistas assim como símbolo da ciência pagã. Clemente de Alexandria por exemplo, acentua que o cristão, na viagem de sua vida, deve navegar passando ao lado dos costumes pagãos: “Fujamos dos hábitos, como fugimos das sereias, das quais falam os mitos”.²³ Certamente aqui a sereia é também uma “bonita prostituta”, símbolo do “desejo”. No entanto, o conceito clementino de “hábito” ou “costume” nos conduz sobretudo ao campo do intelectual, ao seu grande problema: crer e saber, hábito como o antigo erro, e a Igreja como a mais

²¹ Cf. RAHNER, H., *Griechische Mythen in christlicher Deutung*, 301-303.

²² Cf. RAHNER, H., *Symbole der Kirche*, 252.

²³ CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Protr*, XII, 118, 1 (I,83)

alta representação da visão de Deus plena de graça, portanto, no centro da sua genuína teologia cristã. Os hábitos (*synetheia*) representam a essência do antigo, pagão e idolátrico, e a imoralidade associada a ela, portanto, igualmente uma imagem conceitual da sereia imaginada como pessoa. A verdade cristã é amarga e acre como um remédio, enquanto que o vício é doce e lisonjeiro. A fé faz livre, o vício escraviza e encadeia. O Logos nos libertou das correntes do vício: destronados dele, como um recém-nascido se liberta do seio materno, vindo à luz do mundo, fomos através da água batismal arrancados ao vício,²⁴ e assim chamados a navegar como verdadeiros cristãos rumo ao porto celeste na visão dos mistérios divinos sobre a quilha do navio do Logos.²⁵ Dessa teologia do *synetheia* torna-se imediatamente evidente como os Padres souberam se servir de maneira tão acertada do mito das sereias, um dado forte da cultura grega da época para ilustrar uma verdade cristã profunda.

Esses dados da patrística são suficientes para nos fazer reconhecer na alegoria das sereias, a própria Sereia lemanjá. Naturalmente, o contexto histórico é completamente outro, e no entanto, podemos ver uma equivalência no nível arquetípico. Na verdade, lemanjá representa uma clara corporificação da Anima, o arquétipo do feminino. O problema está no fato de que a sereia significa um nível ainda pouco desenvolvido da Anima, e, no caso de lemanjá, o arquétipo da Anima permanece ainda cativo do arquétipo da Grande Mãe lemanjá em quem se manifestam sobretudo os aspectos negativos. Aqui, a alegoria das sereias que os Padres aplicavam em referência a um perigo exterior, é vista intrapsiquicamente, ou seja, nos redutos do inconsciente coletivo, onde a Sereia lemanjá pode agir perigosamente. O problema fundamental seria uma eterna dependência da poderosa influência da Grande Mãe, e uma evolução mal acabada da Anima, estacionada ainda em nível primitivo. Existe a necessidade que surja uma figura feminina que corporifique a Sabedoria que representa o nível mais elevado do arquétipo da Anima.²⁶

²⁴ Cf. *ibidem*, Protr. X, 109, 1 (I, 72-73); 77; IV, 46, 12 (I,35); X,99, 3(I,72).

²⁵ Cf. RAHNER, H., *Symbole der Kirche*, 254-255.

²⁶ Cf. VON FRANZ, M.-L., *O processo de individuação*, in C.G.Jung, *O homem e seus símbolos*, Rio de Janeiro, 1977, 185.

8. A PRESENÇA DE MARIA NA BARCA DA SALVAÇÃO

A existência terrestre da Igreja é comparável a uma viagem em navio porque ela é fundamentalmente do além, sempre em viagem, em direção a uma pátria ainda não alcançada; porque essa viagem vai sobre o “mar do mundo”, portanto sobre um elemento hostil e perigoso para o navio que é pequeno e de madeira, mas que justamente por isso, pode desafiar a obstinação do mar. Atrás desse mundo de símbolos da dogmática patrística se esconde uma eclesiologia dialética com seus pares de opostos: a Igreja é, de um lado, segura de sua e no enta, ainda sujeita ao perigo de perdê-la; certa de alcançar o porto, mas não chegou ainda ao ponto final; um pequeno pedaço de madeira, do lenho da cruz, sobre esse mar terrível do mundo dominado pelo demônio, mas justamente nessa sua insignificância é segura de sua vitória. Isto porque ela é construída com o madeiro da cruz, o pequeno lenho a que os homens confiam suas vidas, e com isso é representada simbolicamente a sua natureza profunda, pois a Igreja é a continuação histórica e a perfeição daquela vitória a qual o Cristo sobre o madeiro conquistou sobre os “príncipes deste mundo”. Madeira e mundo, navio e mar, Cristo e Satã, são polaridades nas quais se encontram os interesses teológicos, com os quais esta simbólica patrística é carregada.²⁷

No mar da vida, singra então a pequena barca de madeira, tendo como mastro a cruz da salvação, e por grande timoneiro, Jesus Cristo. Na sua viagem rumo ao porto da eternidade, o cristão se vê diante do perigo mortal da escolha entre a fé e incredulidade, simbolizado pela figura feminina das perigosas sereias.²⁸ Mas felizmente, no barco, que simboliza a Igreja, se encontra uma figura feminina especial a saber, a Virgem Maria, a mãe do timoneiro Jesus Cristo. No livro de orações do assim chamado “Oktoichos” da Igreja ortodoxa católica, encontra-se a seguinte invocação: “Santíssima Senhora, que destes à luz aos mortais, o Senhor como timoneiro, acalmai as ondas terríveis e selvagens de minhas paixões, e dai a paz ao meu coração”.²⁹

²⁷ Cf. RAHNER, H., *Symbole der Kirche*. Die Ekklesiologie der Väter, Salzburg, 1964, 272-273.

²⁸ Cf. RAHNER, H., *Griechische Mythen in christlicher Deutung*, Zúrique, 1966, 300-315.

²⁹ Oktoichos ou Parakletike da Igreja católica ortodoxa do Oriente, de A. MALTZEN, 2a parte, 340s., Berlim, 1904, cit. por RAHNER, H., *Symbole der Kirche*, 356.

Como mãe do timoneiro da barca da Igreja, a nova criação, Maria representa papel importante na obra da redenção. No pensamento patrístico, ela é, segundo a fórmula de Gn 2,18, a auxiliar correspondente do Novo Adão.³⁰ Se Maria, a segunda Eva, é auxiliar ajudante de Cristo, Cristo e Maria formam o par da redenção, pois fomos salvos pelo Cristo e sua auxiliar e mãe Maria. Essa especial participação de Maria na obra da redenção, na obra da nova criação, vem do fato de sua maternidade divina, que não foi ato simplesmente físico, mas que foi, sobretudo realidade religiosa, de união com o Salvador e de participação no seu destino salvífico. Maria nos salvou juntamente com o Cristo. Ela é portanto, nesse sentido co-redentora, co-criadora da nova criação, sem esquecer, é claro, que Maria, sendo também filha de Adão, precisou ser salva pelo Cristo. O Cristo, como princípio universal, salvou primeiramente a sua mãe, sem auxiliar depois então tendo a ela como auxiliar, juntos salvaram o gênero humano.³¹

Não é por acaso que, no momento da primeira criação, o princípio feminino personificado pela Sabedoria, tenha estado junto com o Deus criador, e que ao realizar a nova criação pela redenção operada pelo Cristo, também um princípio feminino representado pela pessoa de Maria, tenha estado igualmente presente. Tudo parece indicar que ela é a nova personificação da Sabedoria, que anuncia o Salvador.³²

Maria foi a primeira evangelizada e é a evangelizadora por excelência. Na história das missões, em muitos casos ela precedeu o anúncio do Cristo. Como em Guadalupe, ela leva a querer “ver Jesus”, e termino aqui com o texto do Doc. 72 da CNBB³³: Queremos ver Jesus – caminho, verdade e vida, 4.1: “Queremos ver Jesus” (Jo 12, 21) é o que dizem alguns pagãos que tinham subido a Jerusalém para prestar culto a Deus, na festa da Pás-

³⁰ Cf. LAURENTIN, R., *Court traité sur la Vierge Marie*, Paris, 1967, 44.

³¹ O VATICANO II evitou usar o termo “co-redentora” e “co-redenção”, por razões de caráter pastoral e ecumênico. Cf. MEO, S., *Nuova Eva*, in *Nuovo Dizionario di Mariologia* (NDM), 1985, 1022. É possível, no entanto, situar a aplicação do termo em seu verdadeiro contexto, a saber, o de Maria, a pobre de Javé, totalmente dócil e dependente dele, em comunhão com o destino de seu Filho até ao pé da cruz, momento central da redenção, sem fazer imprecisões diante do seu Filho crucificado, mas se associando a ele como co-responsável e co-redentora. Cf. GOFFI, T., *Spiritualità*, in NDM, 1366-1367

³² Cf. POZO, C., *María en la obra de la salvación*, Madrid, 1974, 130.

³³ Documentos da CNBB nº 72. Projeto Nacional de Evangelização (2004-2007) – Queremos ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

coa. Filipe ouve esse pedido, chama André, e os dois juntos transmitem esse desejo a Jesus. Hoje, mesmo sem saber expressar desse modo o que buscam, são muitos os que querem ver, conhecer e encontrar Jesus. Na verdade, ele é a resposta aos anseios mais profundos do ser humano, pois “ilumina todo ser humano que vem a este mundo” (Jo 1, 9). Hoje, cada batizado precisa ser esse tipo de instrumento para que o mundo desorientado encontre o rumo da salvação, da vida plena que Deus deseja para todos e que é oferecida em Jesus”.

*Prof. Dr. Pe. Pedro K. Iwashita CSSp
Doutor em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia
da Universidade de Fribourg, Suíça, professor titular de dogmática
da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP.*

BIBLIOGRAFIA

- BADDE, Paul. Maria von Guadalupe. Wie das Erscheinen der Jungfrau Weltgeschichte schrieb. Berlin: Ullstein Verlag, 2005, p. 122.
- CABARRÚS, Carlos Rafael. Crescer bebendo do próprio poço. Oficina de crescimento pessoal. São Paulo: Loyola, 1999.
- Documentos da CNBB nº 72. Projeto Nacional de Evangelização (2004-2007) – Queremos ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005
- DÖLGER, Franz Josef, Die Sonne der Gerechtigkeit und der Schwarze, Münster, 1979.
- Ibidem., Sol Salutis, Münster, 1972.
- EBEL, B., “Aufgang der Kirche. Eine Verkündigung über Maria in der Bildersprache der Väter”, in BOGLER, Th. (Org.): *Maria in Liturgie und Lehrwort*, Maria Laach, 1954.
- GOLDBRUNNER, Josef. Realização. Antropologia na pastoral e na educação. São Paulo: Herder, 1968.
- HARNACK, Adolf von. Mission et expansion du christianisme dans les trois premier siècles. Paris: Cerf, 2004.
- JUNG, C. G. Symbole der Wandlung. Analyse des Vorspiels zu einer Schizophrenie. Olten und Freiburg in Br.:Walter Verlag, 1981, 266 (310).
- KASSEL, M., “Weibliche Aspekte im lukanischen Kindheitsevangelium”, in *Diakonia*, nov. 1984, 392.

- LAURENTIN, R., Court traité sur la Vierge Marie. Paris, 1967.
- PACOT, Simone. L'évangélisation des profondeurs. 3 volumes. Paris: Cerf, 2002-2003. Trad. Bras.: PACOT, Simone. A evangelização das profundezas. Nas dimensões psicológica e espiritual. Vol 1. Aparecida: Santuário, 2001.
- POZO, C., María en la obra de la salvación, Madrid: BAC, 1974.
- PRÜMM, Karl. Religionsgeschichtliches Handbuch für den Raum der Altchristlichen Umwelt. Rom: Päpstliches Bibelinstitut, 1954, 921 pp.
- Ibidem. Der christliche Glaube und die Altheidnische Welt. 2 Bände. Leipzig: Verlag Jakob Hegner, 1935.
- RAHNER, Hugo. Griechische Mythen in christlicher Deutung. Zürich: Rhein-Verlag, 1966, p, 134.
- Ibidem. *Symbole der Kirche*. Die Ekklesiologie der Väter, Salzburg, 1964, 272-273.
- UISTIN, Liam Mac. Exploring Newgrange. Dublin: The O'Brien Press, 2001.
- VON FRANZ, M.-L., *O processo de individuação*, in C.G.Jung, O homem e seus símbolos, Rio de Janeiro, 1977, 185.